As Estratégias da China na América Latina

François Lafargue, Ph.D.

A CHINA DE HOJE enfrenta um desafio imediato: a dependência energética. Por muitos anos, o país tentou diversificar suas fontes de hidrocarbonetos, mas os depósitos da Ásia Central e do Mar Cáspio acabaram sendo decepcionantes, com reservas muito abaixo das estimativas preliminares. Como conseqüência, na última década, a China começou a voltar mais sua atenção para a África e a América Latina. Porém, a crescente presença política e econômica de Pequim é cada vez mais considerada pelos Estados Unidos como uma séria intrusão, particularmente no que diz respeito à América Latina, uma área que os norte-americanos por muitos anos consideraram como sendo parte da sua esfera de influência. De uma maneira geral, os movimentos da China têm despertado uma grande expectativa nos Estados Unidos.

A República Popular da China (RPC) – o oitavo maior importador de petróleo em 2000 e o quarto em 2003, depois dos Estados Unidos, do Japão e da Alemanha — provavelmente ocupará o segundo lugar neste "ranking" até o fim desta década. As importações, as quais contabilizaram 27% do consumo chinês de petróleo em 1999, 37% em 2002 e 43% em 2005, estão em uma constante ascendente. Dessa maneira, a dependência da energia estrangeira tornou-se a maior preocupação dos líderes chineses, que vêem a situação vigente como um obstáculo ao objetivo mais amplo visualizado para a China no cenário mundial.

Até 1990, a Indonésia, Omã e Irã foram os principais fornecedores de petróleo à China. Porém, a diversificação de fornecedores tornou-se necessária devido ao aumento do consumo chinês e às reduzidas reservas da Indonésia.[1] Conseqüentemente, a América Latina que é tão rica em recursos naturais, tornou-se um território cobiçado, especialmente porque agora se considera que os Estados Unidos tenham estabelecido o seu controle sobre todos os países do Oriente Médio como resultado de sua intervenção no Iraque, com exceção do Irã. Enquanto isso, o déficit nos depósitos do Mar Cáspio, agora estimado de 2% a 4% das reservas mundiais, está acentuando o problema da China.

A América Latina, com 9,7% das reservas mundiais de petróleo, poderia potencialmente capacitar à China a alcançar seus objetivos energéticos. Portanto, não é surpreendente que a China tenha se tornado o segundo maior importador do petróleo latino-americano depois dos Estados Unidos. De fato, desde 2001, o interresse chinês pelo petróleo da América Latina aumentou aproximadamente dez vezes.

Esse artigo é reproduzido, com pequenas modificações, de uma versão publicada na página web, no volume 1, 2006, de Défense Nationale et Sécurité Collective <http://www.defnat.com>.

François Lafargue, Ph.D. em Ciências Políticas, é professor de geopolítica na Escola de Pós–Graduação de Administração de Paris (Paris Graduate School of Management). É autor de vários artigos sobre a procura da China por fontes de energia.

A Onipresença da China

Muito embora tenha sido ativa na África desde os anos 60, a China não tinha, até recentemente, exercido uma influência política ou comercial significativa na América Latina. Por muito tempo, o território continuou sendo uma verdadeira terra incógnita para Pequim. Em parte, a relutância chinesa em entrar na região foi conseqüência da influência dos Estados Unidos, particularmente durante o período da Guerra Fria. A maioria dos governos latino-americanos esperou a visita de Richard Nixon à Pequim, em fevereiro de 1972, antes de estabelecer relações diplomáticas com a China, com fizeram a Argentina e o México em 1972, o Brasil em 1974 e, finalmente, a Bolívia em 1985. Hoje, a diplomacia da China tem sido particularmente resoluta e dinâmica na América Latina. A viagem de

duas semanas do Presidente chinês Hu Jintao à Argentina, Brasil, Chile e Cuba, em novembro de 2004, ilustra bem essa determinação.

Por enquanto, a América Latina é apenas um modesto fornecedor da China, mas o comércio bilateral vem crescendo como se pode observar: de 12,6 bilhões em 2001 a 26,8 bilhões em 2003 e a 30 bilhões de dólares em 2004. Ao conduzir a sua campanha de expansão política e econômica, a China adotou o seguinte *modus operandi*: negocia para assegurar o suprimento regular de petróleo em troca de investimentos; em seguida, usa laços comerciais para gerar acordos em cooperação política e militar.

A influência financeira que Pequim estabeleceu na América Latina vem sendo continuadamente reforçada. Em 2003, mais de um terço dos investimentos estrangeiros da China foram colocados na América Latina e a maior parte dos seus investimentos fora da Ásia foi feito na região. Como comparação, 14% do investimento chinês foi feito na América Latina contra 80% na Ásia e 1,7 % na América do Norte.[2] A China também está aumentando seus investimentos nos setores petrolíferos da Venezuela, da Colômbia e do México, sem desprezar produtores menores como o Equador e o Peru.

Em agosto de 2003, no Equador, a Corporação Petrolífera Nacional Chinesa (*China National Petroleum Corporation — CNPC*) recebeu direitos de prospecção do Presidente do Equador Lucio Gutierrez.[3] Alguns meses depois, a Química Nacional da China (*China National Chemical – Sinochem*) comprou 14% de um campo petrolífero na Província de Orellana da ConocoPhillips por 100 milhões de dólares. Conhecido por *Block 16*, o campo petrolífero tem uma área de superfície de 2.200 quilômetros quadrados. A Sinochem extrai 8.000 barris por dia do "Block 16", o qual é explorado principalmente pela firma espanhola Repsol-YPF em 55% e pela companhia taiwanesa, a Corporação Petrolífera Chinesa (*Chinese Petroleum Corporation*) em 31%. Recentemente, em setembro de 2005, o consórcio Petróleo Andino (*Andes Petroleum*), liderado pela Corporação Petrolífera Nacional Chinesa (CNPC), comprou a participação de uma companhia canadense, a EnCana, por 1,4 bilhão de dólares. Com essa operação, a China ganhará a produção de 75.000 barris por dia — graças aos campos de Tarapoa e Shiripuno — e o controle de reservas estimadas aproximadamente em 143 milhões de barris.

Em 2004, a Corporação Petrolífera Nacional Chinesa (CNPC) comprou uma subsidiária da PlusPetrol no Peru, a PlusPetrol Norte, por 200 milhões de dólares.[4] Em março de 2005, a Petróleo da China (*China Petroleum*) e a Corporação Química (*Chemical Corporation — Sinopec*) assinaram um acordo com a Cubapetroleo de Cuba para explorar o campo em Pinar del Rio na costa oeste da ilha.

Da mesma forma, o México, embora membro do Acordo Norte–Americano de Livre Comércio (*North American Free Trade Association — NAFTA*), juntamente com o Canadá e os Estados Unidos, não escapou da atenção chinesa. As visitas do Primeiro Ministro Chinês Wen Jiabao, em dezembro de 2003, e de Hu Jintao, em setembro de 2005, terminaram com a assinatura de vários contratos petrolíferos. Por enquanto, o México não está exportando hidrocarbonetos para a China, mas a Corporação Petrolífera Nacional Chinesa obteve licenças de perfuração.

Na Bolívia, a presença de Pequim continua modesta, mas considerando-se suas reservas de gás poderá tornar-se um dos fornecedores do produto para a China. Em 2004, duas companhias chinesas começaram a construção de um complexo químico boliviano.

Finalmente, na Colômbia, a China está oferecendo-se para financiar a construção de um oleoduto para levar petróleo da região de Maracaibo na Venezuela até o terminal de Tribugal em Choco, na sua costa do Pacífico.

A estratégia de Pequim de investir na obtenção de matéria-prima na América do Sul é a *priori* comparável com a realizada na África. A aceitação e o apoio à sua presença no continente sul-americano estão sendo facilitados pela hostilidade e pelo ressentimento de alguns países da região contra os Estados Unidos.

O Papel da Venezuela

A Venezuela, o sexto maior produtor mundial de petróleo em 2004, continua a ser um fornecedor primário dos Estados Unidos em um nível comparado ao da Arábia Saudita.[5] Mesmo assim, a Venezuela constitui o alicerce da diplomacia de Pequim na América Latina. A Venezuela tem as maiores reservas de petróleo no

continente americano (6,5% das reservas mundiais), mais do que as dos três países do NAFTA combinados. Suas reservas de gás também são abundantes, em torno de 2,4% das reservas mundiais conhecidas e um pouco menores que as dos Estados Unidos. Por enquanto, Washington continua a ser o principal cliente da Venezuela, comprando 60% de suas exportações, os outros clientes, além da China, são o Japão e Cuba. Porém, a proporção da importação de petróleo da Venezuela pelos Estados Unidos encontra-se em declínio, de 17% em 1997 para, atualmente, 11,8%.

AFP

Hu Jintao cumprimenta o Presidente do Brasil, Lula da Silva, em 12 de novembro de 2004, no fim do seminário "Brasil-China: Conquista e Desafio na Construção de uma Estratégia Combinada".

A hostilidade aberta que os Estados Unidos manifestam pública e diplomaticamente contra o atual presidente da Venezuela Hugo Chávez deu ainda mais ímpeto ao estabelecimento de uma firme parceria entre a Venezuela e a China. Em dezembro de 2004, durante uma visita oficial a Pequim, Chávez firmou vários acordos de cooperação econômica e comercial com Hu Jintao.

A cooperação em assuntos comerciais e petrolíferos entre os dois países já se mostrou proveitosa. O comércio bilateral aumentou de 150 milhões em 2003 para 1,2 bilhão de dólares em 2004 e acredita-se que tenha dobrado em 2005. Uma visita do Vice-Presidente Zeng Qinghong a Caracas, em janeiro de 2005, promoveu ainda mais o interesse de Pequim na Venezuela. Naquela ocasião, vários contratos foram assinados, entre eles acordos permitindo à China investir 350 milhões de dólares no desenvolvimento de 15 campos petrolíferos, os quais poderão render um bilhão de barris de petróleo, 60 milhões na rede ferroviária venezuelana, em refinarias e em outras áreas de infra-estrutura relacionadas com o petróleo. A China também ofereceu à Venezuela uma linha de crédito de 40 milhões de dólares para que esse compre equipamentos agrícolas chineses.

Em 2004, a Venezuela forneceu 0,5% das importações de petróleo à China, com 12.000 barris por dia. No ano passado, o volume foi quase seis vezes maior, com 68.000 barris por dia, ou 1,8% do total das importações. Contratos para a exploração de gás nas proximidades do litoral também foram assinados pela Sinopec e pela Petróleos da Venezuela. No fim de agosto de 2005, a China e a Venezuela criaram uma companhia combinada para desenvolver o campo Zumano no estado de Anzoategui, onde as reservas são estimadas em 400 milhões de barris. Graças a esses investimentos, Chávez planeja dobrar a produção do seu país até 2012, com o propósito específico de beneficiar a China. Assim, os chineses esperam multiplicar suas importações anuais quase 5 vezes para alcançar 110 milhões de barris de petróleo e 1,8 milhões de toneladas de *Orimulsion*® em menos de 7 anos.[6]

Contudo, independente dos planos atuais, o volume das exportações da Venezuela para a China continua limitado em razão das restrições estruturais do Canal do Panamá, que não pode receber navios de grande porte. A rota marítima alternativa, por volta do Cabo Horn, é duas vezes mais longa do que a passagem pelo canal, levando-se até 45 dias de viagem entre os dois países.

Como era de se esperar, uma cooperação tão próxima nas esferas petrolíferas e comerciais implicaria na necessidade dos chineses exportarem peritos comerciais e homens de negócios. Logo, não é surpreendente que a comunidade de chineses na Venezuela esteja agora estimada em mais de 130.000 pessoas.

China, uma Ameaça?

Em Washington, a presença chinesa é descrita por alguns como uma ameaça sob um ou mais dos seguintes aspectos: político, militar e econômico.

Ameaça política. A influência chinesa na política interna de muitos países latino-americanos não é mais discutível. Em dezembro de 2004, durante a visita de Hugo Chávez a Pequim, o Partido Comunista Chinês anunciou medidas para fortalecer os laços com o Movimento Quinta República de Chávez. Esta medida política está longe de ser ímpar, pois a China mantém relações estreitas com vários movimentos "progressistas" e revolucionários, incluindo o Movimento ao Socialismo (MAS) na Bolívia. Liderado por Evo Morales, um indígena das áreas montanhosas, o Movimento ao Socialismo assumiu o poder na Bolívia depois das eleições em 2005. Além disso, na Nicarágua, existe a possibilidade de uma vitória da Frente Sandinista de Liberação Nacional, liderada por Daniel Ortega, nas eleições presidenciais deste ano — uma perspectiva preocupante para Washington.

Alguns atribuem o sucesso da diplomacia chinesa ao interesse limitado que a administração do Presidente George W. Bush demonstrou para com a América do Sul durante o seu primeiro mandato na presidência. Claramente, o apoio político de Pequim a movimentos de esquerda na América Latina pode apenas incentivar desconfiança por parte dos Estados Unidos. Os laços criados com a China apoiaram os esforços de Hugo Chávez como porta-estandarte da "Alternativa Bolivariana para as Américas", um projeto com o objetivo de fortalecer a integração das economias da região andina.

Em junho de 2005, a Venezuela concluiu o acordo Petrocaribe com 13 países caribenhos. Este acordo trata do fornecimento de petróleo venezuelano aos países signatários, sob tarifas preferenciais para reduzir a influência dos Estados Unidos nas economias da área. Como exemplo dessa política, pode-se citar o caso de Cuba que, atualmente, consegue atingir certo grau de sucesso em sua independência energética atribuída em parte à sua própria produção, a qual cobre metade das necessidades da ilha, e às importações suplementares da Venezuela.

Ameaça da segurança. Em assuntos militares, a influência da China no Panamá, desde a partida dos Estados Unidos em dezembro de 1999, tem alimentado um debate alarmista em Washington. O papel da companhia operadora de portos baseada em Hong Kong, a *Hutchison Whampoa Limited*, foi o catalisador de tais preocupações. A *Hutchison Whampoa Limited* é uma das principais firmas de Hong Kong com 150.000 empregados espalhados em 40 países. Por intermédio de suas inúmeras subsidiárias, a empresa atua nas áreas de telecomunicações, hotelaria e administração portuária. A companhia *Hutchison Port Holdings — HPH —*, subsidiária da *Hutchison Whampoa Limited*, é uma das principais operadoras portuárias do mundo, lidando com cerca de 10% do tráfego de containeres no setor.

Atualmente, a *Hutchison Port Holdings* administra mais de 30 portos pelo mundo, sendo a maioria deles importantes centros de comércio internacional como Roterdã na Holanda, Freeport nas Bahamas, Jakarta na Indonésia, Kwangyang e Pusan na Coréia do Sul, Felixstowe na Grã Bretanha e vários terminais mexicanos, incluindo o de Veracruz e o de Manzanillo. Desde 1996, a *Hutchison Port Holdings* também assumiu o gerenciamento de dois terminais portuários no Panamá, o de Cristobal e o de Balboa, em um arrendamento por um período de 25 anos. Em várias ocasiões, o Departamento de Estado dos EUA tem expressado preocupação pelo gerenciamento desse ponto estratégico por uma empresa chinesa.

De acordo com alguns observadores americanos, a presença chinesa na Zona do Canal fez da área um verdadeiro atrativo para a criminalidade internacional. Dois terços dos navios que transitam pelo canal vêm ou estão indo para os Estados Unidos. Durante a passagem pelo canal, os navios viajam em velocidades muito baixas, permitindo que grupos criminosos com o apoio de tripulantes tenham oportunidade de carregar drogas ou contrabando de origem latino-americana para os Estados Unidos. A China é acusada abertamente de permitir a prática dessas atividades. O Canal do

Panamá também é visto como um trampolim para a imigração clandestina para os Estados Unidos, com a cumplicidade chinesa.

Além disso, o controle do canal é visto como uma arma diplomática para Pequim usar contra os Estados que têm relações diplomáticas e que reconhecem Taiwan. Dentro dos 25 países que mantém relações diplomáticas com Taiwan, quase a metade são latino-americanos, incluindo Belize, Costa Rica, Guatemala, Honduras, Nicarágua, Paraguai, El Salvador, e outros 4 países caribenhos, respectivamente, República Dominicana, Haiti, Nevis-Saint Kitts e Saint Vincent e Granadinas. O controle chinês dessa artéria comercial, da qual muitos desses países dependem parcialmente para o comércio, pode muito bem convencer alguns governos a revisarem suas políticas com relação a Taiwan.

A participação de 125 policiais chineses na Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (*MINUSTAH*) em 2004, também é parte da política de influência da China na região.

Finalmente, a China também está desenvolvendo cooperação militar com vários países latino-americanos. Por exemplo, Cuba permite que a China utilize a infra-estrutura de telecomunicações construída e, posteriormente, abandonada pelos russos na Base Torrens, perto de Havana, a qual contém uma grande quantidade de sofisticados equipamentos. Essa base foi construída em 1964, tendo abrigado mais de 1000 russos até o ano de 2001.

Ameaça econômica. A presença da China é incentivada por governos latino-americanos interessados em reduzir a influência comercial e financeira dos Estados Unidos na região.

Em parte, isso é evidente pela diversificação do comércio no continente, particularmente em relação à matéria-prima. Os investimentos da República Popular da China não são limitados ao setor de hidrocarbonetos, mas também incluem comércio e investimento, mais notadamente em mineração e na indústria da produção de alimentos.

Com 25 por cento das reservas mundiais de prata, 30 por cento de estanho e 45 por cento de cobre, a América Latina constitui um invejável depósito de matéria-prima. Atualmente, o Chile contabiliza 40 por cento das exportações de cobre para a China, que é o maior consumidor mundial do metal.

A China também está multiplicando seus investimentos no Brasil. Em 2000, ocupava a 15ª colocação entre os parceiros comerciais do País; atualmente, é o segundo cliente. Em 2004, o grupo *Baosteel*, maior produtor de aço chinês, investiu 1,5 bilhão de dólares no Brasil. Além disso, em maio de 2004, os brasileiros concluíram um acordo entre a *Sinopec* e a Petrobras, com o objetivo de dobrar as exportações do petróleo brasileiro para a China. Pequim, por sua parte, concordou em investir na exploração de petróleo e de gás e, também, em participar no financiamento de obras de infra-estrutura como oleodutos e gasodutos no Brasil.

…do Golfo da Guiné até a Cordilheira dos Andes, do Mar Cáspio até as Ilhas Spratley, a competição por petróleo entre os Estados Unidos e a China está em andamento e só deve agravar-se. De agora em diante, os dois protagonistas devem, também, levar em consideração a participação da Índia nessa crescente e determinada competição na busca de fontes de combustíveis fósseis.

Os Estados Unidos também têm estado preocupados com as cada vez mais numerosas comunidades chinesas de expatriados em países latino-americanos, particularmente na região estratégica entre a Argentina, Brasil e Paraguai, conhecida como a "Tríplice Fronteira" ou a "Área da Tríplice Fronteira". Relativamente próxima do porto brasileiro de Paranaguá, na "Área da Tríplice Fronteira" existem três cidades que são beneficiadas pela Rodovia Pan-Americana: a *Ciudad del Este* no Paraguai, *Iguazu* na Argentina e Foz do Iguaçu no Brasil. Atualmente, a população de etnia chinesa que vive nessa região é estimada em 30.000 habitantes, particularmente em *Ciudad del Este*.

Desde os anos 70, a Tríplice Fronteira tem sido um lugar florescente para o comércio, pois cerca de 40.000 pessoas atravessam diariamente a Ponte da Amizade entre o Brasil e o Paraguai, o que contribui,

também, para a prática de atividades ilícitas como contrabando e tráfico de drogas. Várias organizações criminosas chinesas, tal como a *Fu Chin* e a *Tai Chen Saninh*, estão ativamente envolvidas em fraude alfandegária, extorsão, tráfico de drogas e falsificação. Supõe-se que esses grupos, também, proporcionem apoio logístico seletivo a grupos de fundamentalistas islâmicos radicais presentes na área da "Tríplice Fronteira". Os Estados Unidos avaliam que essa região, a qual abriga uma grande comunidade muçulmana, principalmente libaneses e sírios, esconda redes potencialmente capazes de cometer ataques do tipo ocorrido na Embaixada de Israel na Argentina em 1992 e, dois anos mais tarde, contra o Centro da Comunidade Judaica em Buenos Aires. O elo entre os cartéis de drogas, as tríades asiáticas e alguns pequenos grupos que se associam com o islamismo radical é visto como um fator desestabilizador para a segurança total da região.

Acima de tudo, os Estados Unidos estão preocupados com a atitude chinesa de tentar preservar seus valiosos interesses econômicos e a presença de seus expatriados na região. Na Venezuela, vários expatriados chineses foram mortos recentemente. Tais tipos de ações poderiam levar a China a justificar uma maior presença militar na área.

O Futuro Azimute

Apesar de seus objetivos políticos, militares e econômicos na região, os chineses enfrentam diversos obstáculos nas suas relações com a América Latina.

Primeiramente, Pequim não pode dominar esses países, cujo peso econômico continua sendo significativo, em contraste com a sua habilidade de influenciar alguns países africanos.

Além disso, no que diz respeito à competição pelos recursos energéticos na América Latina, a exemplo de como ocorre na Ásia Central e na África, particularmente no Sudão, a China vem enfrentando uma crescente competição da Índia, cuja necessidade por petróleo vem aumentando continuadamente. A Índia apresenta todos os indícios para se tornar o quarto consumidor de petróleo até 2010, atrás apenas dos Estados Unidos, da China e do Japão. Os indianos já dependem das importações estrangeiras para 70% do seu consumo de petróleo, uma proporção projetada para alcançar 80% em 2010 e 87% em 2020. E, embora o governo indiano tencione acelerar a prospecção de petróleo no seu próprio território, quaisquer campos petrolíferos possíveis não irão atender o seu crescente consumo.

Portanto, não é surpreendente que em março de 2005 a Índia tenha concluído uma parceria com a Venezuela, capacitando uma companhia indiana, a *Oil and Natural Gas Corporation* (*ONGC Videsh Oil*), a adquirir 49% do campo petrolífero de San Cristobal. Cuba outorgou várias concessões petrolíferas para essa mesma firma. A exclusiva zona econômica de Cuba é dividida em 59 blocos, abertos a investidores estrangeiros desde 1999. Estimativas das reservas foram firmadas em torno de 5 milhões de barris.

Dessa maneira, pode-se esperar que a China continue na sua determinada busca por hidrocarbonetos e, depois de países africanos como Sudão e Angola, vá se aventurar nas tradicionais zonas de influência dos norte-americanos. Assim, do Golfo da Guiné até a Cordilheira dos Andes, do Mar Cáspio até as Ilhas Spratley, a competição por petróleo entre os Estados Unidos e a China está em andamento e só deve agravar-se. De agora em diante, os dois protagonistas devem, também, levar em consideração a participação da Índia nessa crescente e determinada competição na busca de fontes de combustíveis fósseis.***MR***

Referências

1. Entre 1991 e 2004, a produção do petróleo indonésio diminuiu um terço.
2. Veja "China pours more money overseas," *China Daily*, 22 de outubro de 2004, disponível em http://big5.china.com.cn/English/BAT/110046.htm, acesso em 7 de abril de 2006; ELLIS, R Evan, U.S. National Security Implications of Chinese Involvement in Latin América (Carslile, PA: Instituto de Estudos Estratégicos, U.S. Army War College, Junho de 2005), disponível em www.strategicstudiesinstitute.army.mil/pubs/display.cfm?PubID=606, acesso em 7 de abril de 2006.
3. A *China National Petroleum Corporation* é a segunda maior companhia petrolífera da China depois da *China National Chemical*. Tem uma posição mais alta do que a *China National Offshore Oil Corporation*.
4. A *PlusPetrol* é uma companhia Argentina, mas a maior acionista é a firma espanhola *Repsol*.
5. A produção de petróleo da Venezuela constitui 45% da produção da América do Sul. A sua produção é aproximadamente 80% da do México.
6. A *Orimulsion*® é um hidrocarboneto betuminoso usado pelo mundo como um combustível alternativo para a geração de eletricidade.